



NOS PASSOS DE SEVERINO: AS POSSIBILIDADES DE ENSINAR A GEOGRAFIA DAS SUB-REGIÕES NORDESTINAS COM O POEMA MORTE E VIDA SEVERINA

Daniela Kleinfelder

dani_kleinfelder@hotmail.com¹

Resumo

Apesar das adversidades cotidianas enfrentadas pelos professores brasileiros, muitos profissionais tentam contornar diversas situações (falta de infraestrutura nas escolas públicas e desvalorização da carreira) e buscam diversificar suas práticas de ensino com a finalidade de transformar essa prática e favorecer a aprendizagem do aluno em um processo diferenciado. No caso da Geografia, muitos recursos se apresentam como possibilidades para o desenvolvimento de atividades diversificadas, que podem facilitar a compreensão de conceitos que por vezes se mostram muito complexos e difíceis. No caso específico deste trabalho, o poema “Morte e Vida Severina” se configurou como um recurso didático para o desenvolvimento dos conteúdos sobre o Nordeste brasileiro para a turma do 7º ano.

Palavras-chave: Geografia, literatura, interdisciplinaridade.

Introdução

Um dos objetos de estudo da Geografia consiste na análise do espaço geográfico e das transformações que ele sofreu ao longo do tempo, por conta das ações das sociedades. Nesse contexto, a Literatura se configura em um importante subsídio à Geografia e, trabalhando de forma interdisciplinar, muitas contribuições podem ser identificadas por meio do olhar para aspectos da paisagem, da economia, da sociedade e da cultura dos lugares retratados em uma obra literária.

Muito mais do que assumir um caráter descritivo, a união entre essas duas disciplinas – a Geografia e a leitura de Literatura - provoca reflexões sobre determinadas condições socioeconômicas e as relações com fatores históricos, promove o conhecimento de aspectos

¹ Mestranda pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e professora titular de Geografia na rede pública estadual.

físicos e geográficos, além de estimular o desenvolvimento das competências de leitura e escrita.

A percepção geográfica que se pode desenvolver por meio da leitura do poema “Morte e Vida Severina” já havia sido investigada em meu Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2009. A presente prática de ensino, com o auxílio do poema, foi desenvolvida em 2016 em uma turma de 7º ano de um colégio privado, no qual lecionava na época.

A perspectiva de trabalho interdisciplinar entre os campos da Geografia e da leitura de Literatura no desenvolvimento de práticas de ensino é, atualmente, o objeto de estudo da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida na Faculdade de Educação da UNICAMP.

O poema e o ensino de Geografia das sub-regiões nordestinas

O pernambucano João Cabral de Melo Neto² (1920-1999) escreveu o poema “Morte e Vida Severina” entre os anos de 1954 e 1955, retratando em seus versos uma região que ele conhecia bem e da qual fez parte (o autor cresceu em meio aos antigos engenhos). Portanto, o texto apresenta diversos elementos da vida cotidiana nordestina e das adversidades trazidas pelo seu entorno.

Como professora e leitora do autor, considereei que a análise coletiva do “Morte e Vida Severina” poderia contribuir na exploração e estudo do conteúdo de Geografia a tratar com minha turma. Pretendo, então, relatar a experiência vivida utilizando-me da leitura do poema para articulá-la aos conceitos geográficos a problematizar em classe.

Antes de realizar a leitura do poema, expliquei aos alunos que o Nordeste é regionalizado em sub-regiões por conta de suas diferenças físicas, econômicas e sociais, e que esses conteúdos seriam aprofundados à medida em que o texto fosse lido. A cada trecho que identificássemos uma sub-região, faríamos a ligação entre a obra e o material de apoio que era seguido em nossas aulas.

O retirante Severino não se trata de uma pessoa, mas representa todos os sertanejos nordestinos que passam pela mesma situação do personagem do poema: a fuga da seca e a busca

² Fonte: http://www.releituras.com/joaocabral_bio.asp. Acesso em 21abr2018, às 21h.



por melhores condições de vida. Lima (1999, p.171) reitera que “[...] a percepção geográfica relacionada à paisagem literária, construída com o lastro do real ou não, nos revela novas e amplas trilhas de ação e realização no desenvolvimento da teoria e da pesquisa geográfica.” O personagem principal emigra do Sertão (região da Caatinga) em direção à Zona da Mata (área com mais umidade), aonde seu percurso chega ao fim na cidade de Recife.

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra. (MELO NETO, 2008, p. 75)

Durante os estudos sobre a regionalização do Nordeste, os alunos acompanhavam as explicações pelo livro didático, que já continha também os mapas para o apoio cartográfico. Ao iniciarmos a leitura do poema, levei um mapa-mudo (em branco) para a sala de aula, com a finalidade de demarcação do trajeto de Severino, conforme avançávamos com as discussões/reflexões do conteúdo geográfico do poema. Deixei que os próprios alunos ficassem responsáveis por posicionar “os passos” de Severino no mapa.

Sobre o Sertão, com a leitura do poema pudemos debater questões sobre as condições climáticas e o monopólio dos poucos recursos hídricos pelos proprietários de terra (ainda chamados de “coronéis”), o que agrava ainda mais a situação da população em relação à seca e à fome. A classe estabeleceu semelhanças com a temática da novela “Velho Chico”, do autor Benedito Ruy Barbosa, que estava em exibição na época pela Rede Globo, além de levantarem conclusões de que, por conta desses problemas, muitos “retirantes” emigram para a Zona da Mata ou para outras regiões do Brasil.

Ao chegar ao Agreste, Severino é guiado pelo rio Capibaribe (os alunos também quiseram situar o rio no mapa-mudo), importante recurso hídrico para o estado de Pernambuco. Apesar de não correr neste estado, enfatizei outro rio importante para o Nordeste, o São Francisco, sendo o único rio perene a atravessar um trecho do Sertão. Vimos várias imagens dos dois rios e explanei os modos de usos dessas águas pela população e pelos governos do Nordeste, inclusive para a irrigação de lavouras.

Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham. (Ibidem, p. 80)
[...]
Ao menos até que as águas
de uma próxima invernia
me levem direto ao mar
ao refazer sua rotina? (Ibidem, p. 83)

Quando, no poema, Severino se refere aos “rios lá de cima”, ele se refere aos rios do Sertão, que são temporários (também chamados de intermitentes), ou seja, rios que secam no período de estiagem. O poema trouxe a possibilidade dos alunos buscarem esses conceitos em seus materiais didáticos, além de explorar o significado de “invernia” para os nordestinos, que é definido como a época das chuvas, mais frequentes entre os meses de março e julho (outono e inverno), período este muito esperado principalmente pelos sertanejos, pois alguns rios voltam a correr e a população utiliza suas águas para o abastecimento e irrigar plantações.

A concentração fundiária é um agravante em toda a região Nordeste e em outras regiões do país também, o que reflete nos conflitos no campo e é um dos principais motivos do êxodo rural. Muitos desses conflitos, entre camponeses e latifundiários, são marcados por violência e morte. Já havíamos discutido essa temática em outro momento do ano letivo, quando estudamos a estrutura fundiária brasileira, a concentração de terras e os conflitos no campo. O poema trouxe a retomada dessas aprendizagens entre os alunos, com alguns deles observando – “olha professora, a única terra que muitos recebem é a sepultura, como isso é triste!”

– É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.
[...]
Viverás, e para sempre
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça. (Ibidem, p. 90-91)

Sobre o Agreste, expliquei que se trata de uma área de transição entre o Sertão e a Zona da Mata, onde predominam pequenas propriedades de terra que desenvolvem agricultura de



subsistência, pecuária leiteira e extensiva. Trabalhamos, também, as paisagens naturais do Agreste.

Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um banguê velho em ruína. (Ibidem, p. 89)

Em seu trajeto rumo à Zona da Mata, Severino descreve a paisagem marcada pela monocultura da cana de açúcar, sendo o Nordeste um dos principais produtores nacionais. Além da concentração de terras e dos latifúndios canavieiros, muitas outras questões foram levantadas ou retomadas, como o conceito de monocultura, o papel da cana na devastação da Mata Atlântica no Nordeste (relacionado ao próprio nome da sub-região), a fertilidade do solo de massapê, a importância econômica da cana para o Nordeste e para o Brasil. Em trechos do poema, o personagem deixa claro que encontrou poucas diferenças socioeconômicas e culturais entre o Sertão, o Agreste e a Zona da Mata, o que também foi observado pela classe.

Finalmente, depois de sua longa jornada, Severino chega ao Recife e ao descansar, escuta os lamentos de dois coveiros e compreende que a cidade, assim como as grandes cidades brasileiras, é dividida em um processo chamado segregação socioespacial, que foi bastante explorado com os alunos (reflexões sobre as desigualdades sociais no meio urbano). Muitos retirantes, assim como Severino, vivem nas periferias sem infraestrutura adequada. Um aluno fez a seguinte observação: “- Coitado do Severino, professora, andou tanto e também encontrou dificuldades no lugar que chegou. Imagina quantos iguais a ele tem pelo Brasil?!”

– Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha; [...] (MELO NETO, 2008, p. 100)

A lama que os coveiros se referem trata-se do mangue, importante ecossistema costeiro e rico em biodiversidade. Esse ecossistema se configura como meio de sustento para muitas

peessoas através da extração dos siris. Os alunos logo se lembraram, pois já tinham estudado os ecossistemas brasileiros com o professor de ciências e rapidamente estabeleceram relações com o conteúdo de geografia: “- Ah, o mangue, onde muitos pegam o caranguejo e tem aquelas árvores com as raízes para fora da lama!”.

Com relação à Zona da Mata, a partir da leitura do poema e dos conteúdos do livro didático, expliquei que muitas pessoas de outras sub-regiões emigram para o litoral por ser a área mais desenvolvida (muito alunos falaram das praias e do turismo) e com maior dinamismo econômico nos três setores da economia, além de ter sido a primeira região a ser ocupada e colonizada no país. Mesmo com todos os problemas que a região Nordeste apresenta, a Zona da Mata ainda é a sub-região que oferece mais oportunidades de trabalho, tanto formal quanto informal. Expliquei que, por conta de incentivos fiscais por parte dos governos estaduais, a região tem se industrializado nos últimos anos, o que promoveu a migração de retorno, ou seja, muitos nordestinos que haviam emigrado para outras regiões do país estavam retornando aos seus estados de origem em busca de oportunidades.

Como professora, fiz a mediação do processo de ensino-aprendizagem, e sempre busquei a participação dos alunos na leitura do poema e na construção das relações com os conteúdos estudados. Sobre a interdisciplinaridade, Santos (2008) observa que o conhecimento se constrói coletivamente, a partir de um trabalho de cooperação e reflexão, sendo este o propósito da aplicação desta prática de ensino naquele momento.

O ponto de partida e de chegada de uma prática interdisciplinar está na ação. Desta forma, através do diálogo que se estabelece entre as disciplinas e entre os sujeitos das ações, a interdisciplinaridade não nega as especificidades das disciplinas; pelo contrário, as evidencia atribuindo-lhes valores e significados. (SANTOS, 2008, p. 29-30)

O professor pode sempre estimular as discussões e reflexões sobre o que foi lido e a relação com os conteúdos trabalhados. A realização de atividades individuais e em grupos contribuiu para a sistematização e assimilação dos conhecimentos, além de aproximar os alunos de um autor da literatura brasileira que eles desconheciam.

Considerações finais



Vale ressaltar que este texto traz uma entre tantas possibilidades de enriquecer o ensino de geografia através da interdisciplinaridade com a literatura, seja em um ambiente escolar público ou privado.

No meio educacional, por mais reduzidos que sejam os investimentos, o docente tem ao seu alcance uma série de recursos dos quais pode se utilizar em sala de aula, para que o processo de ensino-aprendizagem realmente ocorra e seja satisfatório para ambos os lados, alunos e professores. Já a Geografia, como dito anteriormente, é uma ciência privilegiada e que tem ao seu alcance muitos meios para desenvolver seus propósitos e realizar suas análises (além da literatura, músicas, filmes, imagens, entre outros). Esses recursos possibilitam que os alunos explorem o conhecimento geográfico por outros caminhos, que vão além dos materiais que eles já possuem.

O poema de João Cabral de Melo Neto se configurou em um importante material para o estabelecimento de relações com outras disciplinas, auxiliando no desenvolvimento de estudos interativos em sala de aula. Esse meio de manifestação cultural, além de engrandecer a formação leitora, possibilitou o conhecimento de espaços e lugares promovendo uma compreensão maior entre a leitura de Literatura e o conhecimento sistematizado pelos alunos do 7º ano.

A percepção estabelecida até mesmo pela temática de uma novela que apresentava contexto semelhante ao poema foi importante para a construção das relações socioeconômicas e ambientais das sub-regiões nordestinas e da paisagem que rodeava o caminho de Severino, no poema.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Ana Ribeiro Lima; ANDRÉ, André Luis; FERNANDES, Mariana. Crescer em sabedoria: Ensino Fundamental II. In: Instituto Presbiteriano Mackenzie (Org.). **Geografia, 7º ano: Professor – Livro 2**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2016, p. 128-135.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Pensamento Geográfico Brasileiro II**. Campinas, SP: PUC–Campinas, 2007 (mimeo).

KLEINFELDER, Daniela. **Percepção Geográfica na obra “Morte e Vida Severina”**. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2009.



LIMA, Solange Terezinha de. Percepção Ambiental e Literatura: espaço e lugar no Grande Sertão: Veredas. In: OLIVEIRA, Livia de; RIO, Vicente Del (Orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999, p. 153-172.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas**. 1. ed. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. v. 2.

SANTOS, Vera Lúcia dos. Ciência e Interdisciplinaridade: novos rumos para antigas questões. In: BORTOLETTO, Márcia Lima; PAGNAN, Valéria Bastelli; TREMACOLDI, Paulo Roberto (Orgs.). **Interdisciplinaridade: reflexões, práticas e tendências**. Itatiba, SP: Berto Editora, 2008, p. 07-31.